SINTRENSE RECUSOU A PROPOSTA

1.º de Dezembro lançou iniciativa

A fusão dos clubes de Sintra tem defensores declarados, como Fernando Cunha, o presidente do 1.º de Dezembro, e outros que são declaradamente contra, como é o caso de Adriano Filipe, o presidente do Sintrense.

A ligação deveria abarcar, em princípio, apenas estes dois clubes, embora, com o evoluir do processo, fosse previsível que outras colectividades de zonas circundantes pudessem vir a ser motivo de análise e discussão. Um aspecto, porém, parecia obter consenso: o Hockey de Sintra encontraria muita dificuldade em caber nas negociações, dado ser notório o clima de algum distanciamento que quer o Sintrense quer o 1.º de Dezembro revelam em relação ao histórico do hóquei em patins. Nenhum motivo especial é apresentado, mas sente-se que o Hockey é encarado como um clube demasiado agarrado ao passado, por circunstâncias várias, e que, por isso mesmo, costuma utilizar uma linguagem que não é comum à dos outros parceiros.

Fernando Cunha só vê vantagens na fusão com o Sintrense e também ele perspectiva no horizonte a constituição de um grande clube de Sintra. «Creio que poderemos entender-nos e trabalharmos todos para um objectivo comum. Nós estamos mais vocacionados para a formação e o Sintrense para a competição. Penso que a cada um falta o que o outro tem. Defendo que é importante a fusão, porque ela trará benefícios a ambos. Os nossos jovens já terão outras perspectivas e o Sintrense, por seu lado, ficaria com uma base de captação para as equipas seniores muito mais vasta. Isto é apenas um exemplo, mas há outros que justificam o esforço dos dois clubes em se unirem», explica.

Posição que não é partilhada pelo Sintrense, para quem a fusão não tem cabimento entre um clube centenário e outro próximo disso...

Fernando Cunha